IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CONEXÕES ENTRE CORPO, SEXUALIDADE DA MULHER NEGRA E PERIFÉRICA

Creusa Teles dos Santos [1]

RESUMO

O objetivo deste artigo é a sistematização e reflexão da atuação da equipe do Serviço de Proteção Social para Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência - SPVV junto ao Projeto de Extensão "Conexões femininas: corpo e Sexualidade da Mulher Negra e Periférica", desenvolvido no distrito da Brasilândia, São Paulo, à luz do aporte teórico acerca de gênero, raça, classe e sexualidade. A partir das denúncias recebidas de violência contra a mulher, a equipe do SPVV estabeleceu um diálogo enriquecedor com 35 mulheres negra e periféricas, com mais de 18 anos e beneficiárias do Bolsa Família, durante três meses, com encontros quinzenais no Centro de Referência da Assistência Social. Utilizando a metodologia do grupo reflexivo e jogos dramáticos como metodologia, o projeto buscou refletir e explorar os papéis sociais de gênero relacionados ao corpo da mulher negra, as narrativas femininas sobre o corpo real e imaginário, as expressões da sexualidade, a violência de gênero, as relações de poder e a saúde do corpo. O projeto teve como objetivo fortalecer a coletividade entre as mulheres, promovendo o enfrentamento à violência e potencializando as narrativas sobre suas dores, amores, corpos e sexualidade. Os resultados finais reafirmam a potência do trabalho em grupo para o fortalecimento das mulheres no enfrentamento à violência de gênero.

Palavras-chave: Mulher, negra, periférica, corpo e sexualidade.

[1] Doutoranda e mestre pelo Programa de Estudos Pós Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail:keuteles@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é a sistematização e reflexão da atuação da equipe do Serviço de Proteção Social para Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência - SPVV junto ao Projeto de Extensão "Conexões femininas: corpo e Sexualidade da Mulher Negra e Periférica", desenvolvido no distrito da Brasilândia, São Paulo, à luz do aporte teórico acerca de gênero, raça, classe e sexualidade.

O Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência (SPVV) foi criado em 2012 com a implementação do SUAS, que incorporou o atendimento às crianças, adolescentes e suas famílias, supervisionado pelo Centro de Referência Especial da Assistência Social (CREAS).

O Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS, previstos na Política Nacional de Assistência Social (2004), é um serviço especializado para dar resposta às demandas de alta e média complexidade com o objetivo de atender, de forma multiprofissional e interdisciplinar, crianças, adolescentes e famílias em situação de violência.

O objetivo do SPVV é realizar atendimento psicossocial por meio de intervenções que possibilitem identificar e refletir sobre os fatores de riscos, e a ressignificação da violência sofrida por meio de atividades protetivas, reflexões sobre a temática e fortalecimento dos vínculos entre crianças, adolescentes e seus familiares.

Em meio a pandemia da COVID-19, começamos a receber denúncias de violência de gênero. Diante desses fatos, continuamos ofertando suporte interno para as crianças, adolescentes e para as mulheres, além de orientá-las sobre as tomadas de medidas protetivas com a denúncia formal.

Ao mesmo tempo, buscamos a rede socioassistencial para dialogar sobre os indicadores da violência contra mulher no território da Brasilândia, e os riscos que as crianças e adolescentes estavam envolvidas para pensarmos em estratégias ampliadas para além do SPVV. Nessa articulação, percebemos que outros serviços de referência do CRAS estavam recebendo denúncias semelhantes.

Diante dessa demanda, a equipe[2] do SPVV, elaborou e desenvolveu o projeto de extensão denominado "*Conexões femininas: corpo, sexualidade e violência de gênero".* O projeto tinha o objetivo de dialogar e refletir com as mulheres, com idade acima de 18 anos, beneficiarias do programa de transferência de renda, o Bolsa Família, que estavam vinculadas ao SPVV e também com as mulheres vinculadas no acompanhamento do CRAS, sobre corpo, sexualidade da mulher negra e violência de gênero. Fundamentalmente, criar um espaço acolhedor para ouvir e acolher as narrativas das mulheres, refletir sobre os papeis sociais de gênero, desigualdades de gênero, violência doméstica e sexual contra mulheres, os desafios do cotidiano e das impossibilidades de lugar de fala.

Para que pudéssemos alcançar êxito na implementação deste projeto, definimos que partiríamos das narrativas das mulheres, mediadas por diferentes recursos pedagógicos e artísticos para nos conectarmos com as histórias e trajetórias,

METODOLOGIA

Estruturamos metodologicamente o projeto com seis encontros grupais, com a duração de três horas cada, quinzenais, com duração de três meses, realizados no CRAS, local próximo das residências das mulheres. Utilizamos a metodologia do Grupo Reflexivo[3] do Tom Andersen e o jogo dramático[4] na perspectiva do Psicodrama.

A proposta metodológica buscou compreender a realidade das trinta e cinco (35) mulheres a partir da escuta acolhedora, da troca de experiências por meio das suas próprias narrativas, utilizando um caminho temático sobre corpo, sexualidade e violência contra mulher assentado em um aporte teórico sobre o assunto. Nosso principal foco era

[2] Amanda Rios, educadora, Creusa Teles, gerente, Mayara Amorim, psicologa, Rosangela Bastos, assistente social e Rúbia Gomes, assistente social.
[3] É uma metodologia de trabalho com grupo, desenvolvido pelo psiquiatra e médico noroegues, Tom Andersen. O grupo reflexivo possibilita um processo reflexivo a partir do ato de refletir, de uma postura colaborativa e da prática do diálogo.
[4] O jogo dramático surge como um facilitador na construção coletiva. Nesse fazer diferenciado, ele propociona o aparecimento do ato de criatividade e espontaneidade, potencializando o espaço de escuta e dialogo.

identificar nas narrativas das mulheres, os saberes e potencialidades para trabalharmos o fortalecimento por meio do coletivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

No intuito de refletir com as mulheres sobre os temas desenvolvidos em cada encontro do projeto, optamos por buscar um referencial teórico que trouxesse uma dialética entre a realidade vivida, a trajetória das lutas feminina, a presença do patriarcado que atravessa gerações e a desigualdade de gênero, com o objetivo de encontrarmos possibilidades para romper com esses padrões.

Infelizmente, as vozes femininas não ecoam, pois suas vozes são silenciadas pela opressão do patriarcado. Assim, buscamos, por meio dos referenciais teóricos do Grupo Reflexivo de Tom Andersen, o jogo dramático do Psicodrama de Moreno, Sueli Carneiro, Mirla Cisne, entre outros, sistematizar os conteúdos dos encontros do Projeto de Extensão.

As lutas femininas nos ensinaram que a história da mulher começa e termina com os corpos.

> A mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa. Enfim, como fogo nato; tais características chegam a aproximá-la de forma animalesca, destinada exclusivamente ao prazer sexual. (CARNEIRO, 2018, p. 155)

A mulher negra foi marginalizada historicamente por ser mulher, por ser negra, por pertencer uma determinada classe social, mas nunca foi um problema que essa mulher fosse vista como objeto de prazer sexual do homem branco, do uso e abuso do poder das mulheres brancas para servir, limpar, organizar suas casas e criar seus filhos.

> Sabemos que toda situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre o outro é a apropriação sexual das mulheres, do grupo derrotado pelo vencedor, que melhor expressa o alcance da derrota. É a humilhação definitiva que é imposta ao derrotado e um momento emblemático de superioridade do vencedor. (CARNEIRO. 2018, p. 153)

Fica evidente que colocar as mulheres negras como protagonistas da ação revela a dor e o sofrimento ao entrarmos em contato com as suas fragilidades no percurso

histórico criado e alimentado socialmente pelo patriarcado, machismo e desigualdade de gênero.

A sexualidade é uma construção social sujeita a múltiplas determinações. Ao longo dos últimos séculos a sexualidade da mulher e especialmente da mulher preta reprimida, sujeita ao controle, a vigilância da moral e da violência de gênero.

> O conceito de gênero veio no sentido de analisar de maneira racional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem. Portanto, gênero se constitui como uma categoria relacional. (CISNE. 2012, p. 78).

A sexualidade da mulher negra é negligenciada, ficando restrita à maternidade e à reprodução do sexo, ou seja, um corpo invisibilizado de forma social e cultural. O culto ao sexo ativou novas necessidades, novos desejos, novos sentimentos. O abuso sexual não é uma invenção da modernidade, mas, sem dúvida, foi reinventado a partir de novas simbolizações dos desejos e das novas formas de acessos disponíveis, como a Internet pela via da pornografia infantil, ou a prostituição infantil pelo turismo sexual.

A prevenção à violência de gênero sofrida por mulheres negras e periféricas deve ser tratada de forma inclusiva considerando as peculiaridades de gênero, raça, classe e sexualidade. Trabalhar com essas particularidades, apesar dos avanços na área da garantia de direitos da mulher e das lutas feministas, ainda continua sendo uma difícil tarefa para muitos profissionais que atuam na Política de Assistência Social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto foi dividido em seis encontros com temas transversais sobre a violência contra mulher: corpo, sexualidade e gênero; desigualdade de gênero; violência de gênero e resistência coletiva e mecanismos de enfrentamento.

No **primeiro encontro** teve como tema “que corpo é esse? Iniciamos com o estabelecimento do contrato grupal, apresentação do projeto, das participantes com a utilização do jogo, quem sou eu? (nome, idade, raça/cor, local de nascimento, estado civil, quantidade de filhos e netos, escolaridade e ocupação profissional) e a construção do perfil das mulheres.

Para trabalhar o tema, utilizamos o jogo do "espelho mental", com o objetivo de investigar anatomicamente e as sensações e sentimentos sobre o próprio corpo. Essa atividade proporcionou por meio da imaginação entrar em contato com e ampliar o repertorio sobre essa imagem na aproximação e distanciamento deste corpo social, o que levou à pergunta por onde esse corpo circula, como é visto? Enquanto cainhavam pela sala respondiam e falavam em voz alta.

Falar sobre o corpo feminino nunca foi tarefa fácil, primeiro porque carregamos marcas profundas de proteção e desproteções, haja visto que desde pequenas somos educadas para não conhecermos e muito menos tocarmos nossos corpos, isso sempre foi considerado feio, sujo e errado. Essa tarefa se torna mais desafiadora quando o corpo em questão é o corpo da mulher negra, pois este sempre foi objetivado, erotizado, banalizado, ridicularizado, negligenciado, subalternizado e frequentemente exposto na mídia como um troféu.

As mulheres negras revelaram o apagamento deste corpo nos diferentes espaços, "*eu não sou um corpo, sou uma coisa, não sou vista como mulher*". O choro chegou rápido, a garganta embargou: "*também, quem vai me desejar, olha minhas mãos, são feias, são cheias de cicatrizes, eu não admiro nada em mim*", "*meu pai fala até hoje do meu cabelo, eu gosto dele assim, Black, mas ele fala para eu arrumar, alisar, fico triste, ele também é preto, mas não entende*".

Após esse transbordamento de palavras, realizamos uma atividade com desenhos individuais sobre uma parte do corpo que mais admiravam. Nesse processo realizamos reflexões sobre: o tabu do corpo feminino, o estereótipo do corpo da mulher negra, o corpo feminino visto historicamente somente para a reprodução. As mulheres compartilharam muitos conteúdos íntimos sobre dores e constrangimentos com o seu corpo. Finalizamos o encontro com a música "nós somos mulheres", paródia de Doralyce Gonzaga e Silvia Duffrayer.

No **segundo encontro** o tema era corpo e raça.

As mulheres já estavam mais vinculadas e falantes, nascia ali o reconhecimento de si e da outra. Iniciamos com uma atividade que gerou muitos risos, pois apresentamos vários corpos. Refletimos juntas sobre as multiplicidades e diferenças corporais de

mulheres de várias idades, etnias, raças e geometrias. Levamos duas perguntas para o debate: porque nunca estamos bem com o nosso corpo? De que forma a mídia colabora para o apagamento de alguns corpos e exaltam outros?

As mulheres trouxeram vários elementos do cotidiano vivenciados em casa com os companheiros negros e não negros, no transporte público, no trabalho, na escola das crianças, nos comércios como lojas e supermercados e os diferentes e variados tipos de constrangimentos e discriminação.

As mulheres expressaram que não se sentiam valorizadas nos seus próprios corpos, falaram das dificuldades em lidar com seus corpos que vão sofrendo mudanças no decorrer dos anos, pós gestações, envelhecimentos e violências. Elas disseram que são corpos que não correspondem aos os padrões do belo e enfatizraam que o sofrimento da mulher preta é maior, *"somos rejeitadas pelos homens e quando somos aceitas sofremos muitas humilhações por aquele que achávamos que tinha sentimento".*

Realizamos o jogo da identificação racial, que evidenciou que se tratava de um grupo de mulheres majoritariamente representado por negras. Refletimos sobre os motivos que ainda levam as pessoas não se declararem como negras nessa sociedade. Finalizamos o encontro com a música "sorriso negro", de Dona Ivone Lara e Jorge Bem.

No **terceiro encontro** o tema era corpo, gênero e sexualidade.

As mulheres já estavam se sentindo pertencentes ao grupo, com muitas trocas de afeto, de contatos telefônicos e o comercio de venda de produtos. Utilizamos uma enquete para entender o que elas traziam sobre o tema e posteriormente realizamos uma explanação para esclarecer dúvidas e ampliar o conhecimento.

As mulheres expressaram suas angústias mediante o cotidiano em que vivem, suas revelações passam pelas dores do abandono dos poderes públicos que não garantem o mínimo, básico necessário para suprir suas necessidades rotineiras, expressam sentimentos que atravessam as histórias de vida (mãe, filha e neta), marcas visíveis e invisíveis no corpo, choro entalado, tristezas profundas das várias situações de violência vivenciadas, cansaço de lutar sozinha, alivio pelos ex. maridos que foram presos ou morreram, mistura de amor, ódio, perspectivas e esperança de dias melhores.

Na sequência, desenvolvemos um jogo em que foi possível avaliar sobre mitos e verdades sobre gênero e sexualidade a partir do entendimento das mulheres. Finalizamos com reflexões referentes à desigualdade de gênero e a posição que homens e mulheres ocupam na sociedade. Ouvimos a música "Mulheres" do Martinho da Vila, identificamos trechos machista que cantamos e nem percebemos e, na sequência. ouvimos a paródia "nós somos mulheres" em resposta à música do cantor.

No **quarto encontro** o tema era sexualidade e desigualdade de gênero. Inicialmente, levamos uma brincadeira para falarmos de coisas sérias brincando: elas tinham que completar frases machista como: *"volta para o tanque, hoje vou te usar, mulher boa é pilotando fogão, essa serve pra casar*". Com essa brincadeira, percebemos o quanto reproduzimos atitudes machistas no nosso cotidiano e o quanto essas atitudes são violentas, discriminatórias, racistas e homofóbicas e causam atravessamentos nas pessoas.

As marcas deste sofrimento se presentificam no corpo e na alma das mulheres pretas, o que se evidencia na fala: *"eu sou uma mulher preta, gorda e pobre, os homens querem mulheres magras, brancas e piriguetes"*. O discurso veio carregado de revolta e rejeição por um corpo que foi marcado para viver à margem, ou seja, marginalizado e coisificado pela sociedade patriarcal. Como amar um corpo condenado e fora do padrão da beleza veiculado pela mídia?

Realizamos uma reflexão sobre o conceito de sexualidade e gênero, resgatando as lutas feministas pela igualdade de gênero (reprodução, corpo e desejo, trabalho, voto etc), as lutas dos movimentos LGBTQIAP+, assim como um quadro sobre as desigualdades de gênero no Brasil para refletir sobre a importância de rompermos com as caixinhas do patriarcado. Finalizamos o encontro com o depoimento de Amiel Vieira[5].

No **quinto encontro** o tema era corpo, sexualidade e violência de gênero.

Iniciamos com música e exercício de alongamento para concentrarmos na contação de história de "Arturo e Clementina". Ao final da contação, algumas mulheres estavam em total silêncio, outras riam do final libertador de Clementina. Assim, iniciamos

[5] Localizado em https://www.youtube.com/watch?v=PIHlfpfzvac.

um processo de dramatização com cenas trazidas do cotidiano das mulheres. As reflexões foram fortes e emocionantes.

Infelizmente, a ausência de investimentos público em projetos sociais como esse ainda não garante um espaço de dialogo acolhedor para construir junto com as mulheres negras e periféricas uma narrativa de trocas de saberes e experiencia.

O que vemos, na maioria das vezes, são espaços que reproduzem atitudes marcadas pelo patriarcado, centradas no eurocentrismo, aprisionando os corpos negros nos seus esquemas do sistema capitalista neoliberal de controle, culpabilização, violências estruturais e estruturantes, num processo de inclusão disfarçado, onde exclui os corpos negros, pobres e periféricos das tomadas de decisões sobre suas próprias vidas.

Percebemos a importância da nossa luta diária para que possamos impedir que crianças e adolescentes continuem sendo vítimas deste sistema opressor de mulheres. Finalizamos com a música “mulher do fim do mundo”, Elza Soares para afirmarmos que a luta continua.

O **sexto e último encontro** o tema era o enfrentamento da violência contra mulher, o amparo legal, o sistema de proteção e as potências femininas.

Iniciamos as reflexões sobre as legislações e enfrentamento da violência contra mulher, utilizando a Lei Maria da Penha, o sistema de direitos e medidas protetivas, os espaços de fortalecimento e a proteção do corpo e da saúde psíquica da mulher negra.

Reforçamos a potência das mulheres brancas e negras que vivem nos territórios periféricos, das lutas diárias para continuarem resistindo e existindo.

Realizamos uma avaliação para entender como chegaram e como estavam saindo. Finalizamos com o jogo do “Nós” com as perguntas, quem somos; o que queremos e como seremos?

O projeto de extensão nasceu com o objetivo de, a partir das narrativas das mulheres, possibilitar espaço coletivo de reflexão para o protagonismo das mulheres negras e periféricas sobre corpo, sexualidade e gênero, que sofreram e ainda sofrem com a desigualdade de gênero e patriarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo dialogou com os ressultados empirico do projeto atravessados pelo corpo, sexualidade e violência de gênero. As intervenções coletivas realizadas promoveram conexões com o fato de as mulheres perceberem que não estão sozinhas nesse processo difícil, o que já é um acalanto. e saberem que podem contar umas com as outras por meio do fortalecimento coletivo através das narrativas, reflexões e trocas.

Entendemos que os espaços coletivos são importantes para o enfrentamento, com foco nas demandas e necessidades das mulheres que sofrem violência de gênero, olhando para o sofrimento na sua dimensão ética e política.

A violência doméstica e de gênero é um fenômeno complexo, o qual apresenta raízes na organização social, nas estruturas econômicas e de poder na sociedade. Nesse sentido, as ações e intervenções de políticas públicas voltadas para atender mulheres em situação de violência nos seus territórios de moradia, precisam contemplar as histórias e trajetórias das mulheres, suas narrativas, seus saberes e principalmente ampliar e implementar de fato as medidas protetivas.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, T. *Processos reflexivos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto NOOS; ITF, 2002.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CISNE, Mirla. *Gênero, divisão sexual do trabalho e Serviço Social*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

JUNIOR. A. S. *Jogos dramáticos: para terapias, treinamentos e educaçã*o. Curitiba: Imprensa Universitária da UCP, 1982.

.